

Como usar a seção do NAHum “Histórias orais e suas versões escritas” com crianças

Elianeth Dias Kanthack Hernandes

Inspirada em Freire (2011), declaro que ensinar exige a convicção de que avançar é possível e necessário. Sendo assim, tenho o dever de, como educadora que teve a própria vida transformada pelos conhecimentos adquiridos ao longo de 45 anos no magistério público, acreditar que a atuação, minha e de todos os professores, se configura como um diferencial possível na vida daqueles com os quais atuamos. Sonho, portanto, com uma formação docente de alfabetizadores calcada no desenvolvimento da autoria em crianças. Isso me posiciona radicalmente contra a educação baseada no discurso da neutralidade e do pragmatismo. Este sonho nasce do desejo de ter vidas transformadas pelo conhecimento da linguagem escrita, por meio da ação consciente e coerente da escola na história de tantos que nela existem e a fazem existir. Como tornar isso realidade?

De forma ousada, mas sem a pretensão de ser definitiva, ofereço uma resposta de como eu faria – hoje - se me fosse dada a oportunidade de trabalhar com crianças que ainda não leem e não escrevem com traços claros de autonomia e de autoria. Lembro que as atividades de leitura e de escrita são complexas, e seu ensino não se dá no campo da simplicidade ou da facilidade. Talvez por isso mesmo, a articulação e a integração de atividades de leitura, escrita e análise da linguagem não são frequentes nas práticas pedagógicas relacionadas às crianças no período de alfabetização. Talvez porque a própria formação dos professores é permeada pela fragmentação e sequenciação de conteúdos e de saberes.

A proposta didática que faço aqui destaca o objeto a ser ensinado no processo de alfabetização, porque entendo ser esse o cerne do processo de aquisição dessa

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

ferramenta histórica e social chamada linguagem escrita, ou seja, a aprendizagem dos atos sociais de uso da leitura e da escrita. Sobre esse objeto cultural, Arena (2020, p. 14) alerta acerca da necessidade de o aprendiz estar nele para “[...] compreendê-lo como instrumento que ganha valor e importância exatamente por ter vida nas relações entre os homens.”

Com base nessa perspectiva e para melhor exemplificar essa prática pedagógica, vou me apoiar no material que se encontra no próprio site do NAHum, na seção denominada “Histórias orais e suas versões escritas”. Constam ali histórias recuperadas por adultos ou crianças, histórias orais ouvidas e gravadas em áudio, que podem depois ser recontadas por colaboradores ou pelas próprias crianças, acompanhadas e orientadas por adultos. Entendo que o uso da gravação de relatos vivenciados pelas crianças ou por seus familiares, assim como o registro gráfico dessas narrativas orais, permitem que elas vivenciem o papel de praticantes dessas práticas sociais para mais profundamente se envolverem, participarem, refletirem e aprenderem. Com esse material, não há necessidade de serem criadas situações artificiais para o ensino da linguagem escrita, como comumente se vê nos livros didáticos e nas práticas cotidianas de salas de alfabetização. Empregado para o registro das histórias ouvidas, das vivências relatadas pelas próprias crianças, esse material garante a apropriação da linguagem escrita pela sua prática social. É um objeto que tem vida porque a conquista nas relações humanas. Isso se traduz em uma prática pedagógica que possibilita a apropriação da linguagem escrita pela criança como objeto cultural que possui finalidades próprias para as quais foi criado e histórico-socialmente praticado.

Em 2021, eu vivenciei essa experiência com minha neta Heloísa - na época com 6 anos de idade. O registro dessa experiência consta no site do NAHum, na seção “Crianças Escritoras”. Tudo teve início com a gravação que fiz, em áudio, contando para a Heloísa a história de seu tataravô, que veio da Alemanha para o Brasil, no início do século XX. Ela se emocionou muito ao ouvir a história e quis compartilhar a narrativa com as primas,

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Ana Beatriz (10 anos) e Ana Júlia (8 anos). Com essa intenção, a Heloísa, que na perspectiva da escola estava alfabetizada, mas que normalmente não era convidada a produzir textos de autoria, sentiu a necessidade de fazê-lo, para que a história ouvida não se perdesse e pudesse ser compartilhada, como era seu desejo.

Em um primeiro momento, a Heloísa a registrou no suporte *papel*, em um caderno, com o instrumento *lápiz*. Quando foi partilhar o que escrevera com as primas, percebeu a falta de algumas informações que haviam tocado o seu coração, quando ouviu o texto. Anunciou que iria reescrever o texto para acrescentar o que tinha sido omitido. A partir dessa nova necessidade, sugeri que ela utilizasse o aplicativo *word*, no computador e, para isso, expliquei algumas possibilidades que esse aplicativo oferece ao seu usuário (revisão, correção, reorganização textual). A Heloísa aprendeu os procedimentos próprios de um escritor experiente, ou seja, a necessidade de revisar o texto e corrigi-lo quando preciso; a possibilidade de tornar a escrita mais clara e organizada para o leitor a quem se destina; a ideia de que sempre é possível voltar ao texto para modificá-lo. Esse procedimento didático pode ser compreendido também como uma oportunidade de aprendizagem dos enunciados do gênero relatos de vida, que dizem respeito aos fatos vividos por pessoas reais, que podem ser escritos para serem socializados e recuperados sempre que necessário. Dedicar-se à realização de atos de leitura e de escrita, mas propicia também às crianças a possibilidade de lidar com suas ideias, seus sentimentos e suas opiniões.

Ao refletir sobre essa experiência com minha neta Heloísa, passei a buscar formas de como fazer uso deste material do NAHum - “Histórias orais e suas versões escritas - Crianças Escritoras” - em sala de aula, com alunos que se encontram no processo inicial de aprendizagem da linguagem escrita. Penso que um bom planejamento dessa atividade envolveria alguns dos seguintes procedimentos:

1ª etapa: Definição de um projeto de leitura e de escrita que tenha como produto uma coletânea de textos produzidos (relato oral e produção escrita) pelas próprias

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

crianças. A definição, *a priori*, do que acontecerá no final do projeto, coloca como ponto de partida dos atos de leitura e escrita propostos, a necessidade de todo leitor e produtor textual, seja ele experiente ou iniciante, de direcionar a sua leitura e escrita para a obtenção de objetivos e finalidades. Isto envolve a figura de um leitor pressuposto e também solicita uma intenção a guiar a escrita. Sempre lemos e escrevemos para algo, por alguma finalidade. Esta etapa deve ter como base a hipótese de que as crianças podem criar seus textos com marcas próprias se a escola oferecer as condições adequadas. Lembro que este deverá ser um projeto didático de longa duração. Envolve várias etapas para garantir às crianças a vivência com atos de leitura e de escrita que visem à emancipação humana, como o encontro com o outro, como fonte de alargamento daquelas palavras já grávidas de sentido.

2ª etapa: Leitura dos textos “Histórias orais e suas versões escritas” pelas crianças. Essa proposta de leitura de textos tem o objetivo de familiarizar as crianças com a forma como são organizados os enunciados escritos que se originam das narrativas orais. Os procedimentos didáticos de leitura desta etapa devem considerar diferentes estratégias para incluir as necessidades de crianças que se encontrem em diferentes etapas na prática de linguagem escrita. Esses procedimentos podem contar com o que Élie Bajard denomina de “Descoberta do texto”, ou seja, a leitura (não oral) da mensagem escrita com o objetivo de negociar sentidos pelas marcas gráficas que a constituem. A “Descoberta do texto” convoca os saberes do aprendiz, permite que ele faça inferências e deduções. Nesta etapa, com leitores avançados, o professor os ensina a lidar com os sentidos que o autor criou no texto, enquanto que, com leitores iniciantes, ele os convida a recolher informações, ainda que parciais, que conduzam à percepção da organização típica do texto escrito e de seu sentido. De uma forma ou de outra, o professor não deixa nenhuma criança sem a compreensão global do que está grafado, cabendo a ele fechar a descoberta com a proferição do texto completo.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

3ª etapa: Síntese e organização possível do gênero. As crianças, auxiliadas pelo professor (que é quem faz o registro escrito e ensina como fazê-lo), organizam a síntese de como o gênero “Histórias orais e suas versões escritas” se estrutura. Para isso, será de boa conduta metodológica colocar os seguintes itens sobre o que deve ser contemplado nesse gênero de texto: 1) “O que pode ter”; 2) “O que precisa necessariamente ter”; 3) “O que o nosso terá”. As crianças, auxiliadas pelo professor, vão preenchendo cada uma dessas três colunas, para que no final, tenham uma síntese e um planejamento do texto escrito a ser criado.

4ª etapa: Escolha do conto oral que será trabalhado de forma conjunta com as crianças. Considero importante a criação escrita de um texto coletivo para que os aspectos essenciais do gênero, descritos na 3ª etapa, sejam trabalhados no momento da escrita da narrativa oral. A escolha desse texto pode recair sobre a seleção de algum dos áudios que compõem o acervo do NAHum, ou de algum conto oral que as crianças queiram que conste da coletânea que irão organizar (conforme decidido na 1ª etapa).

5ª etapa: Produção do 1º texto. Essa primeira produção será feita em conjunto, na lousa da sala de aula, e pode contar com a participação do professor, ou de alguma criança que tenha condição de fazê-lo, para haver problematização e análise do que está sendo grafado.

6ª etapa: Revisão do texto para a versão final. Esta etapa é necessária para que as crianças aprendam um procedimento utilizado pelo autor experiente, que é o momento de rever o que produziu, para corrigi-lo e aperfeiçoá-lo, de acordo com sua finalidade, seu suporte e o seu leitor presumido.

7ª etapa – Gravação dos áudios com os relatos das histórias orais, gravados pelas crianças, para compor o livro que estão produzindo. Nesta etapa as crianças podem utilizar os aplicativos de celulares ou gravadores convencionais para fazer o registro da história que produzirão para a coletânea. De acordo com o referencial teórico assumido pelo NAHum, é possível pensar as “Histórias orais e suas versões escritas” como um

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

enunciado concreto, criado por um sujeito, pertencente a um certo campo da atividade humana, que tem o que dizer a outros sujeitos. Assumiríamos, aqui, a perspectiva freiriana em que “ter o que dizer” não é privilégio de eleitos, mas direito de todos os homens, inclusive das crianças que estão aprendendo a fazê-lo. Escolher a história a ser contada - se de seus antepassados, de sua própria história de vida ou se de fatos vivenciados por outros que consideram valer a pena serem compartilhados -, ajuda a criança a estabelecer posicionamentos de escrita com enunciados vivos. Elas aprendem a considerar as palavras alheias, ou seja, a considerar o outro na constituição do enunciado próprio.

8ª etapa: Escrita das histórias orais selecionadas pelas crianças para compor a coletânea. Nesta etapa é importante criar várias versões. Na minha experiência, o uso do computador com o aplicativo *Word* tem sido fundamental por permitir que se altere apenas o necessário, sem a demanda de ter que reescrever todo o texto para proceder a uma pequena alteração. Além disso, ao grifar de vermelho palavras com problemas ortográficos e de azul ou verde as possíveis incorreções de textualidade, o *Word* facilita o trabalho de revisão final. Além disso, o uso do teclado oferece à criança todos os caracteres necessários à escrita de um bom texto, em vez de somente letras do alfabeto, como comumente acontece nas salas de aula destinadas ao período da alfabetização.

9ª etapa: Revisão geral. Esta última revisão é feita pelo professor, mas conta com a ajuda e participação das crianças. A definição da publicação, sua diagramação, capa e demais itens paratextuais são definidos de forma conjunta.

10ª etapa: Divulgação do produto final. Recomendo a organização, ao final do projeto “Histórias orais e suas versões escritas”, um evento para socialização do trabalho realizado.

Os atos de leitura e de escrita compõem um processo enunciativo pelo qual a criança não só lança mão de suas práticas anteriores com a linguagem escrita, mas também se sente impulsionada pela necessidade de aprender novas práticas que

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Autora:

Elianeth Dias Kanthack Hernandes - Professora aposentada da Unesp-Marília.